



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III - GUARABIRA
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA**

ADSON DE LIMA ARAGÃO JÚNIOR

**A FEIRA DE AGRICULTURA FAMILIAR E ECONOMIA SOLIDÁRIA: uma
contribuição econômica no município de Logradouro-PB.**

**GUARABIRA
2020**

ADSON DE LIMA ARAGÃO JÚNIOR

**A FEIRA DE AGRICULTURA FAMILIAR E ECONOMIA SOLIDÁRIA: uma
contribuição econômica no município de Logradouro-PB.**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado a Coordenação do curso de licenciatura em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba/campus III, como requisito para obtenção do título de licenciado em geografia.

Área de concentração: Transformações econômicas nos espaços urbanos e rurais.

Orientador: Prof. Dr. Edvaldo Carlos de Lima

**GUARABIRA
2020**

A659 Aragão Junior, Adson de Lima.

A feira de agricultura familiar e economia solidária [manuscrito] : uma contribuição econômica no município de Logradouro-PB / Adson de Lima Aragao Junior. - 2020.

35 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades , 2020.

"Orientação : Prof. Dr. Edvaldo Carlos de Lima , Departamento de Geografia - CH."

1. Economia. 2. Agricultura Familiar. 3. Economia Solidária. I. Título

21. ed. CDD 334

ADSON DE LIMA ARAGÃO JÚNIOR


A FEIRA DE AGRICULTURA FAMILIAR E ECONOMIA SOLIDÁRIA: UMA
CONTRIBUIÇÃO ECONÔMICA NO MUNICÍPIO DE LOGRADOURO-PB.

Trabalho de Conclusão de Curso
(Artigo) apresentado a Coordenação
do Curso de licenciatura em
geografia da Universidade Estadual
da Paraíba/campus III, como
requisito parcial à obtenção do título
de licenciado em geografia.

Área de concentração:
Transformações econômicas nos
espaços urbanos e rurais.

Aprovada em: 20/11/2020.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Edvaldo Carlos de Lima
Matr. 3.250/47
CHUEB

Prof. Dr. Edvaldo Carlos de Lima (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Belarmino Mariano Neto
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Leandro Paiva Do Monte Rodrigues
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 –	Mapa de localização do município de Logradouro (PB).	17
Figura 2 –	Fachada da fábrica de tecelagem.	19
Figura 3 –	Únicas barracas de feira presentes no município até o remodelamento.	22
Figura 4 –	Fachada do Centro de Artesanato	23
Figura 5 –	Exposição da produção da agricultura familiar	24
Figura 6 –	Evento voltado para as mulheres que fazem a feira local	24
Figura 7 –	Fotografia aérea de todo o complexo construído.	25

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 –	Localização do feirante nas zonas urbana ou rural	26
Gráfico 2 –	Origem dos produtos ofertados	27
Gráfico 3 –	Organização familiar na banca	27
Gráfico 4 –	Preços praticados na feira frente a seu concorrente local	28
Gráfico 5 –	Suporte econômico da feira na renda familiar	29
Gráfico 6 –	Período (mês) de melhor comercialização da feira	30
Gráfico 7 –	Semana do mês de maior lucro na feira	30
Gráfico 8 –	Investimento de parte do lucro na melhoria do trabalho	31
Gráfico 9 –	Permanência dos feirantes na atividade econômica	32
Gráfico10 –	Circulação dos produtos e lucros no próprio município.	32

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
CPRM	Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais
RFFSCC	Rede Ferroviária Federal Sociedade Anônima
RAS	Centro de Referência de Assistência Social
CEASA	Centrais Estaduais de Abastecimento
FAO	Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura
ONU	Organização das Nações Unidas.
IAASTD	Avaliação Internacional do Conhecimento Agrícola, Ciência e Tecnologia para o Desenvolvimento
PNUMA	Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente
CUT	Central Única dos Trabalhadores
INCRA	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
MDA	Ministério do Desenvolvimento Agrário
PRONAF	Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar
MST	Movimento dos Trabalhadores Rurais
MPA	Movimento dos Pequenos Agricultores
MAB	Movimento dos Atingidos por Barragens
MMC	Movimento das Mulheres Camponesas
PJE	Pastoral da Juventude Estudantil
CPT	Comissão Pastoral da Terra
FEAB	Federação dos Estudantes de Agronomia do Brasil
CIMI	Conselho Indígena Missionário
ELAA	Escola Latino-Americana de Agroecologia
UFPR	Universidade Federal do Paraná
PAA	Programa de Aquisição de Alimentos
PNAE	Programa Nacional de Alimentação Escolar
ATER	Assistência Técnica e Extensão Rural
PAIS	Produção Agroecológica Integrada e Sustentável

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	11
2	Crises na ordem capitalista: espaços para introdução de novos valores na economia agrária.....	12
2.1	Gênese e desenvolvimento das feiras de agricultura familiar e economia solidária no Brasil.....	14
3	Aspectos geográficos do município de Logradouro-PB.....	17
3.1	Logradouro-PB: de distrito a sua emancipação política.....	18
3.2	A feira: dos primórdios aos dias atuais.....	21
4	RESULTADOS E DISCUSSÕES	26
5	CONCLUSÃO	33
	REFERÊNCIAS	34
	APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO RELACIONADO À PESQUISA.	36
	ANEXO A – DOCUMENTOS COMPROBATÓRIOS	

A FEIRA DE AGRICULTURA FAMILIAR E ECONOMIA SOLIDÁRIA: uma contribuição econômica no município de Logradouro-PB.

Adson de Lima Aragão Júnior ¹

RESUMO

Diante das tentativas dos agricultores de criar e fomentar novas possibilidades econômicas no âmbito agrário e nos espaços de comercialização, esse trabalho vem para agregar ao leque de possibilidades de desenvolvimento coletivo e, principalmente, sustentável. O presente artigo tem como objetivo analisar a potencialidade econômica da feira de agricultura familiar e economia solidária do município de Logradouro-PB. Esse estudo teve uma abordagem quantitativa e uma complementação qualitativa, ambas através de entrevistas, que foram posteriormente datadas e analisadas. Foi verificada a expressiva potencialidade da feira em entregar ao município um viés econômico sustentável em várias frentes: manutenção da renda familiar, circulação da produção e renda na própria cidade, bem como a presença marcante da família e sua perspectiva em dar continuidade a mesma. A partir dos resultados obtidos pôde-se concluir que a feira estudada apresenta um alto nível de organização desde a base até a sua liderança, como também na emancipação do indivíduo, trazendo liberdade e autonomia aos Logradourenses.

Palavras-chave: Economia. Agricultura Familiar. Economia Solidária.

ABSTRACT

In view of the farmers' attempts to create and foster new economic possibilities in the agrarian scope and in the commercial spaces, this work comes to add to the range of possibilities for collective and, above all, sustainable development. This article aims to analyze the economic potential of the family farming and solidarity economy fair in the city of Logradouro-PB. This study had a quantitative approach and a qualitative complementation, both through interviews, which were later dated and analyzed, the expressive potential of the fair to deliver a sustainable economic bias on several fronts was verified: maintenance of family income, circulation of production and income in the city itself, as well as the strong presence of the family and their perspective on continuing the same. From the results obtained it was possible to conclude that the studied fair presents a high level of organization from the base to its leadership, as well as in the emancipation of the individual, bringing freedom and autonomy to the Logradourenses.

Keywords: Economy. Family Farming. Solidary Economy.

¹ Graduando do Curso de Geografia da Universidade Estadual da Paraíba - PB,
adsonaragaojr@hotmail.com

1 INTRODUÇÃO

Um dos grandes desafios desse século é o de desenvolver mecanismos de produções inovadoras que facilitem o combate a supersafras e principalmente as forma de latifúndios e suas consequências na população local, sendo ela rural ou urbana. A presença desses latifúndios vão garantir lucros exorbitantes em detrimento da extrema pobreza e principalmente da falta ou da omissão de órgãos públicos capazes de assegurar o mínimo de dignidade possível a quem se submete a esse tipo de exploração.

O grande crescimento da feira de agricultura familiar e/ou economia solidária em vários municípios do Brasil ilustrará uma tentativa de agricultores e pequenos comerciantes de atravessar a barreira construída pelo sistema econômico vigente e seus mercados financeiros, ela vai servir de abrigo para a maioria dos trabalhadores transformando em meio de renda para a população, mas também, apontará a situação de desigualdade social na qual a população dos municípios brasileiros vive.

Posto isso, fomentar pesquisas que contribuam para expor ideias no meio público e acadêmico se faz de grande importância, ideias que mostrem um caminho alternativo de fortalecimento econômico que não prejudique de forma maciça o comerciante local, a tradição e principalmente o meio ambiente no qual o indivíduo esta inserido. Dando verdadeiramente sentido à frase: desenvolvimento sustentável, tão debatida nos dias atuais.

O objetivo dessa pesquisa foi analisar o potencial econômico da feira de agricultura familiar e economia solidária no município. Como objetivos secundários: datar a quantidade de pessoas que se beneficiam com a feira, identificar os preços praticados na feira perante a concorrência (fora da feira), verificar se os produtos e lucros estão escoando e sendo gastos respectivamente no próprio município e datar as melhores épocas de lucro na feira.

A pesquisa se deu inicialmente através de uma pesquisa exploratória para familiarização do objeto de estudo escolhido, nesse caso a feira. Para desenvolvimento do trabalho foi feita uma análise bibliográfica partindo de diversos autores que contemplaram importantes ideias para a formação teórica, como: Ramos Filho (2015), Schutter (2010) e Costa (1990), após a datação bibliográfica, foi colocado em pratica à pesquisa de campo, visando entender e datar os dados coletados. Na pesquisa de campo foi feito um questionário, utilizando os métodos quantitativo e qualitativo para análise dos dados.

O questionário foi desenvolvido contemplando dez perguntas de múltipla escolha o que facilitou o andamento da entrevista para os feirantes e pesquisador, tirando a dificuldade de entendimento sobre algum questionamento e consequentemente como resultado uma pesquisa mais fidedigna possível. Foram feitas trinta prospecções. Para a coleta desses dados foram necessárias três semanas de feira, sendo duas para coleta de dados e uma para registro fotográfico.

A problemática em questão se deu pelo fato da cidade nunca ter tido um aquecimento em sua economia desde os tempos dourados do algodão, como também o surgimento de uma feira organizada que contemplasse a maioria das classes trabalhadoras Logradourenses. foi o que impulsionou o interesse pela pesquisa e datação dos dados obtidos.

2 Crises na ordem capitalista: espaços para introdução de novos valores na economia agrária

Desde o fim do feudalismo, início da revolução industrial, passando pelas crises capitalistas americanas (crise de 29, crise da oferta e procura no pós-guerra e crise de 2008 dos títulos imobiliários) que atingiu todo o globo, fez repensar a maneira e o caminho com que a agricultura e o homem do campo estavam sendo levados. Décadas de capitalismo enraizados fez florescer conceitos como: globalização, Commodities, supersafras, conglomerados oligopolistas, corporações e outras estruturas capitalistas (CHESNAIS, 1998). Todos os conceitos supracitados corroboram para o sucateamento, exploração e espoliação dos recursos e territórios que antes davam lugar ao campesinato, afastando qualquer possibilidade de desenvolvimento sustentável.

Com as grandes crises em curso, os líderes dos países subdesenvolvidos subjugados a lógica capitalista e suas influências presente nesses países, estavam dispostos a salvar o sistema em diversas manobras em detrimento dos direitos trabalhistas e até mesmo dos direitos humanos. Como no mercado capitalista tudo está interligado a bolsa de valores e o poder especulativo, todas as outras áreas sofreram quedas tanto na entrega quanto na qualidade do serviço prestado a população. Desde o início da revolução industrial a forma com que a segurança alimentar foi tratada pelos líderes estadistas e as grandes corporações corroboraram para o falecimento do que já era precário quando falamos de distribuição e produção de alimentos.

Em 2008, segundo a organização das nações unidas (FAO), a população mundial alcançou a marca de mais de um bilhão de pessoas que não conseguem ter acesso à comida. Em contrapartida, o sistema capitalista usou o mesmo solo que destruiu para se reerguer, situações como essas de precarização do homem do campo é e sempre será campo fértil para manobras capitalista de assalariamento dos camponeses e capitalização das terras enfatizando ainda mais o problema da distribuição de terras e principalmente tirando a capacidade de autonomia do homem do campo. Criando assim um círculo vicioso de crises e recuperações do sistema vigente onde ele se auto destrói e se autoconstrói. Segundo (RAMOS FILHO, 2015):

Concomitantemente, em outros espaços, o próprio capital, de maneira contraditória, (re)cria o capitalismo que ele mesmo destruiu, agora sob o seu controle, através de arrendamentos, compra e venda da terra, subordinação da produção e do trabalho familiar camponês, com a finalidade de subordinar os territórios camponeses para a produção de matérias-primas demandadas pela agroindústria, configurando a monopolização do território camponês pelo capital monopolista. (RAMOS FILHO, 2015, p. 45)

Essa estrutura complexa cria contradições e incertezas, especialmente para agricultores familiares que são inferiorizados em comparação ao grande produtor rural. Uma coisa é certa: o modelo de exportação industrial experimentou um crescimento sem precedentes econômica e territorialmente e, continuará a invadir pequenas e médias fazendas sem um compromisso mais rigoroso de se concentrar em todos os componentes econômicos, sociais e ambientais de sistemas agroalimentares alternativos.

Em contrapartida ao atual sistema, os agricultores tem travado uma luta de ressignificação da terra na tentativa de florescer conceitos outrora presentes na

estrutura agrária, conceitos de solidariedade, ajuda mútua e cooperativismo entre famílias estarão sempre na linha de frente dessa luta. Nessa perspectiva, encontramos esperança através da união de agricultores, militantes e teóricos que desbravam cada dia mais as estruturas enraizadas do capitalismo.

Cada dia mais se é conquistado espaços para o debate de práticas sustentáveis que tragam a soberania alimentar, consciência ambiental, uso correto do solo e uma corrida para emancipação do homem do campo. Cada vez mais crescem o número de estudos que corroboram para iniciativas como agroecologia, feiras de agricultura familiar como também as mais variadas formas da economia solidária.

A agroecologia está rapidamente ganhando espaço na literatura entre acadêmicos e cientistas, em desenvolvimento rural e, recentemente, entre formuladores de políticas. O relatório de Schutter (2010) ao Conselho de Direitos Humanos da ONU (organização das nações unidas) apoia os sistemas agroecológicos de alimentos como o caminho a seguir no combate à pobreza rural e à degradação ambiental e no aumento da segurança alimentar. Um relatório da Avaliação Internacional do Conhecimento Agrícola, Ciência e Tecnologia para o Desenvolvimento foi aprovado por 59 governos e destaca a agroecologia como uma abordagem chave para aliviar a pobreza, melhorar a segurança alimentar e abordar questões ambientais. A Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO), PNUMA e Biodiversidade Internacional também apoiaram a necessidade de agroecologia em publicações recentes.

Além disso, Wezel et al. (2009) revelam o crescente interesse pela agroecologia na literatura científica, além de fornecer estudos de caso de países. Os principais acadêmicos da área apontam para uma “revolução agroecológica na América Latina” (ALTIERI e TOLEDO, 2011). No caso do Brasil, os estudiosos observaram inúmeras percepções sobre a produção agroecológica, como: consumo sustentável e aprendizado coletivo (SANTOS e CHALUB-MARTINS, 2012); demanda pública por sistemas alimentares locais (LENHARES DE ASSIS, 2006); uma melhoria nas condições socioeconômicas e na qualidade de vida do agricultor, controle participativo sobre recursos naturais e sustentabilidade da produção e uma variação de culturas (DE AZEVEDO E PELICIONI, 2012).

Os princípios fundamentais desses novos valores baseiam-se no uso e reciclagem de nutrientes e energia do ecossistema de maneiras complementares e diversificadas para imitar a natureza e criar um ambiente de biodiversidade fértil. As feiras públicas que levam esses princípios seguem um caminho de inovação e intenso aprendizado, com foco no conhecimento dos agricultores e no uso de métodos participativos e redes de intercâmbio para compartilhar ideias, técnicas e práticas de maneira horizontal entre os agricultores. Usando o conhecimento e a experiência das pessoas mais familiarizadas com o ecossistema.

Os agricultores locais usam uma diversidade de esquemas complexos de gerenciamento e técnicas de adaptação para fortalecer a resiliência do ecossistema e minimizar a dependência. Ao reduzir ou remover completamente a dependência de insumos externos sintéticos, os pequenos produtores não terão que usar sua renda ou ficar em dívida para alimentar suas culturas dependentes de produtos químicos. Embora os preços internacionais de alimentos tenham aumentado nos últimos anos, o preço de fertilizantes e derivados de petróleo mais que dobrou o aumento nos preços de alimentos, tornando esses insumos externos cada vez mais caros para os pequenos agricultores (SCHUTERS, 2010). A eliminação da dependência de tais insumos externos terá, portanto, um impacto positivo, não apenas na renda dos

pequenos agricultores, mas também na sustentabilidade em longo prazo de suas terras e recursos disponíveis.

Isso implica estratégias muito mais trabalhosas e diversas na gestão de pessoas, plantas e animais. Devido aos níveis mais altos de subemprego nas áreas rurais, um modelo de agricultura que consome mais mão-de-obra pode aumentar o emprego, diminuir a migração rural-urbana e fornecer proteção social aos meios de subsistência rurais por meio de cooperativas, sistemas de apoio ao agricultor e participação em organizações camponesas.

2.1 Gênese e desenvolvimento das feiras de agricultura familiar e economia solidária no Brasil.

O contexto da economia solidária no Brasil se deu a parti do século XX, quando os emigrantes europeus adentraram o Brasil com os ideais de Robert Owen um proprietário inglês de terra além do seu tempo. Owen teve a sensibilidade e a visão de entender que não adiantava explorar o trabalhador, o contrario disso, deveria criar meios de relação mútua entre patrão e empregado, o que levou a tomar decisões favoráveis ao bem-estar do proletariado na Grã- Bretanha. As ideias de Owen ao longo do tempo foram difundidas e transformadas mesmo sem ele ter pisado os pés no Brasil, o que revela a importância e o quanto necessário foi em solo brasileiro.

Diante do empobrecimento dos Artesãos e trabalhadores frente ao capitalismo industrial de larga escala, Owen teve o entendimento que esses artesões e trabalhadores afetados pela crise, deviam ser realocados no mercado de trabalho da época, uma solução encontrada foi o investimento na compra e na construção de cooperativas por toda a Grã-Bretanha. Segundo (SINGER, 2002), as primeiras iniciativas se deram em forma de cooperativas em busca de recuperar o trabalho e a autonomia econômica, perdidos em nome da lógica capitalista.

A economia solidária chega ao Brasil como meio de escapatória da opressão das classes superiores, emancipação de uma estrutura enraizada economicamente, onde o pequeno produtor ou comerciante não consegue se desenvolver frente os monopólios das grandes indústrias, indo além através da emancipação do modo de vida e de pensar sobre um meio de produção mais justo e igualitário.

Na virada do milênio o INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária) e a ONU se reuniram e junto com um grupo de pesquisadores começaram a datar e delimitar o universo da agricultura familiar, como umas da forma de assegurar a prosperidade e a soberania alimentar do país. A agricultura familiar não é algo que pode ser datado especificamente, porem no ano de 2006 o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) através do censo agropecuário, foi diagnosticando e datando a importância e o crescimento da agricultura familiar no Brasil. Os dados revelam que a agricultura familiar contribuiu para a incorporação de novos setores de produção e estrutura produtiva, mudando assim a face do campesinato brasileiro que ainda sofre principalmente no Nordeste com a má distribuição de terras gerada principalmente por fatores históricos.

A segurança das organizações de agricultores e as mudanças políticas no início dos anos 90 significaram uma mudança no apoio à agricultura familiar no Brasil. Políticas e instituições foram criadas para fornecer apoio financeiro e político aos milhões de estabelecimentos agrícolas familiares no Brasil. Notavelmente, a criação do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA) e do Programa Nacional de

Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF) forneceram espaço político e ampliaram o acesso ao crédito agrícola, respectivamente. Apesar do tremendo crescimento da agricultura industrial, as fazendas familiares brasileiras ainda fornecem mais de 70% de todos os produtos alimentares consumidos diariamente por todos brasileiros. (IBGE, 2009).

Com o recente Decreto nº 7.794, de 20 de agosto de 2012, existe agora uma política que descreve 134 iniciativas para auxiliar na transição para a produção orgânica e agroecológica coordenadas por 10 ministérios, Com um investimento inicial de R\$ 8,8 bilhões em três anos, programas existentes como PRONAF serão ampliados para facilitar a transição para a produção agroecológica.

Muitos movimentos sociais e organizações de agricultores também estabeleceram redes agroecológicas fora do aparato governamental. Municípios de todo o país estabeleceram feiras de agricultura familiar e economia solidária onde os produtores podem expor seus produtos e ter contato direto com os consumidores. No sul do Brasil, a REDE ECOVIDA reuniu 180 municípios e cerca de 2400 produtores organizados em 270 grupos em uma rede que vincula a demanda do consumidor por culturas orgânicas às fazendas familiares agroecológicas locais (ALTIERI, 2012).

Os circuitos locais de produção no sul e no nordeste, que também incluem 30 organizações não governamentais e 10 cooperativas de consumidores ecológicos, fortalecem os mercados locais e contribuem para a soberania alimentar por meio da produção e consumo locais. Além disso, a Via Campesina no Brasil reuniu as oito organizações a seguir que apoiam a agroecologia como uma política oficial e como parte de sua plataforma política: Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA), Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB), Movimento das Mulheres Camponesas (MMC), Pastoral da Juventude Estudantil (PJE), Comissão Pastoral da Terra (CPT), Federação dos Estudantes de Agronomia do Brasil (FEAB) e Conselho Indigenista Missionário (CIMI). A abordagem dessas organizações tem sido muito mais progressiva, eles adotam e definem uma ideia mais abrangente de agroecologia em comparação com documentos do governo que agrupam conceitos de "agroecologias" e "orgânicos" juntos.

Para integrar sistematicamente o movimento agroecológico das feiras de agricultura familiar e economia solidária na agricultura brasileira, o MST e a Via Campesina-Brasil iniciaram 12 escolas secundárias e introduziram cursos universitários em agroecologia (ALTIERI E TOLEDO, 2011). Essas escolas oferecem treinamento e assistência técnica em agroecologia para jovens trabalhadores rurais e agricultores familiares. Além disso, a Escola Latino-Americana de Agroecologia (ELAA) foi criada em 2005 no Fórum Social Mundial em Porto Alegre, em um acordo conjunto entre a Via Campesina-Internacional, os governos do Brasil e Venezuela, o governo do estado do Paraná e Universidade Federal do Paraná (UFPR). Esse tipo de treinamento e educação fortalece o movimento agroecológico e impulsiona a criação de novas feiras com base na agricultura familiar e economia solidária, promovendo uma alternativa ao modelo agroindustrial dominante para estudantes, ativistas e trabalhadores rurais.

O Plano Nacional de Segurança Alimentar do Brasil para 2012–2015 enfatizou a necessidade de reestruturar o sistema alimentar controlado por empresas de monoculturas dependentes de produtos químicos e em direção a um novo modelo baseado em soberania alimentar, sustentabilidade e nutrição. O desafio, como destacou o Plano, é aumentar o apoio à agricultura familiar e

incorporar os princípios, métodos e tecnologias da agroecologia no sistema de produção. Nos programas atuais do país para apoiar os agricultores familiares, as seguintes iniciativas já estão em vigor com elementos para incentivar e apoiar a produção agroecológica e indiretamente os tipos de feiras estudadas nesse artigo:

- 1) Programa de Aquisição de Alimentos (PAA);
- 2) Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE);
- 3) Serviços de Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER);
- 4) Projeto de Produção Agroecológica Integrada e Sustentável (PAIS).

Todos esses projetos e programas demonstraram a tentativa do governo a partir de 2003 de desenvolver um plano que contemplasse ambas as vertentes estudadas nesse artigo (agricultura familiar e a economia solidária), De assistência técnica a assistência no desenvolvimento econômico dos agricultores, promovendo a valorização através de parcerias de ambas as partes. A feira estudada por esse artigo é fruto dessas parcerias que foram desenvolvidas através de grandes lutas pela valorização da terra, meio ambiente e indivíduo.

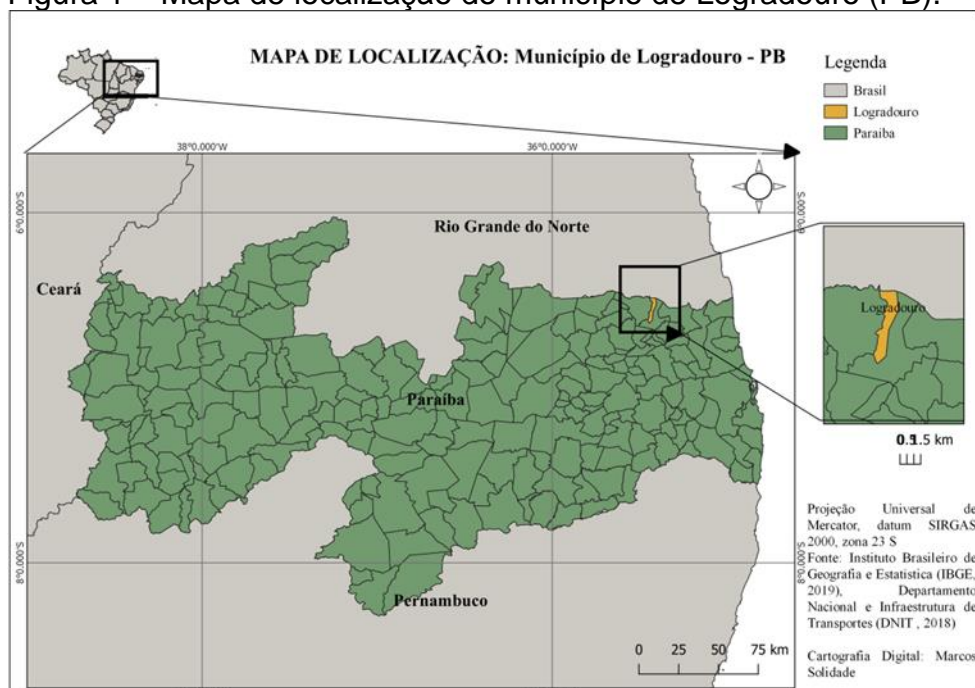
Atualmente, o contexto existente após anos de fomento de projetos ideias e ministérios, o que se vê é um desmonte da estrutura agrária brasileira, dando espaço cada vez mais para o capital estrangeiro em detrimento da soberania alimentar conquistada em varias regiões do brasil. O sucateamento dessas estruturas demonstrar a tentativa do atual governo de atar às mãos dos agricultores as estruturas de comodities influenciadas pelo capitalismo globalizado.

A partir de agora, entenderemos na prática como esse tipo de feira se desenvolveu em um pequeno município do Nordeste brasileiro. Datando as ações que possibilitou o desenvolvimento da feira, as suas peculiaridades e o seu potencial econômico para os munícipes através da geração de emprego e renda para os agricultores e artesãos da região.

3.0 Aspectos geográficos do município de Logradouro-PB

Segundo o IBGE (2010), o município de Logradouro-PB, após a nova divisão territorial na Paraíba, vigente desde 2017, está localizado na região geográfica intermediária de João Pessoa-PB e inclusa na região geográfica imediata de Guarabira-PB. Segundo IBGE no ultimo senso demográfico logradouro tinha uma população estimada em 3.942 pessoas com projeção para 2019 de 4.332 pessoas. Os municípios que fazem divisa com Logradouro são: Nova Cruz-RN ao norte; Caiçara-PB leste e sul e Tacima-PB a oeste. Apresenta uma área total de 37.996 km² com as seguintes coordenadas geográficas: 6° 36' 50" S, 35° 26' 34" W. Estando a 130 km da capital paraibana.

Figura 1 – Mapa de localização do município de Logradouro (PB).



Fonte: SOLIDADE, 2019.

Segundo o professor e ex-vereador da câmara deste município, João Peixoto de Oliveira, conceituou através da topografia Logradourense dois conceitos para facilitar o entendimento da cidade: cidade baixa que fica poente e é caracterizada pelo seu tipo de residência antiga e por abrigar as principais residências do governo Logradourense, já a parte de cima, conceituada de cidade alta, apresenta um aspecto mais desenvolvido e moderno no que diz respeito à arquitetura das casas e de alguns novos comércios, fruto de uma expansão desenvolvida pelo poder público federal através do programa social minha casa minha vida. (PEIXOTO, 2004)

Ainda segundo o IBGE (2010), Logradouro segue um caminho diferente das demais cidades circunvizinhas, uma vez que, os resultados do senso demonstraram que a maior parte da população logradourense está residindo na zona rural do município sendo um total de 3942 habitantes divididos em 1.723 (43,7%) para o urbano e 2.219 (56,3%) para a zona rural do município.

No que se refere ao curso das águas, Logradouro é banhado pelo rio Curimataú que passa entre os municípios de Logradouro e Tacima, banhando suas extremidades a Oeste. O município apresenta algumas barragens e pequenas lagoas espalhadas em toda sua extensão territorial, sendo cortada por alguns

riachos conhecidos, são eles: riacho do Luís, riacho do Paulo sapo, riacho preto, e riacho Manoel Bento. Quando se fala em estradas e acessos: Da capital para logradouro o acesso se dá das seguintes formas: pelas rodovias BR 101/PB 071/PB 061, sendo a BR 101 o trajeto mais fácil de percorrer.

3.1 Logradouro-PB: de distrito a sua emancipação política

Para contextualização do município é necessário partir da seguinte premissa: o município de Logradouro-PB é relativamente novo e toda a sua historiografia está relacionada ao município vizinho de Caiçara-PB, município o qual deu origem a praticamente todos os outros municípios circunvizinhos, como Serra da Raiz-PB, Belém-PB (conhecida popularmente como Belém de Caiçara). Desta forma, Logradouro tem sua gênese não como um município, mas, como um distrito de Caiçara. Para fundamentação foi utilizado um importante livro para comunidade e região, Caiçara: Caminhos e Almocreves, de Severino Ismael da Costa, como também dados do IBGE e outras fontes disponíveis para contextualização.

Até 1950, Caiçara era uma cidade de grande dimensão territorial, fazendo divisas com cidades hoje bastantes conhecidas como Guarabira, Bananeiras e Araruna. Ao fim da década de 50 e início da de 60, seu território foi totalmente fragmentado em cinco municípios através de leis estaduais que as promulgassem: Caiçara, Belém, Duas Estradas, Lagoa de Dentro e Serra da raiz. Segundo o IBGE, 2017:

Pela lei estadual nº 1752, de 06-09-1957, desmembra do município de Caiçara os distrito de Belém de Caiçara. Elevado à categoria de município com a denominação de Belém. Pela lei estadual nº 1962, de 21-01-1959, desmembra do município de Caiçara os distrito de Duas Estradas e Serra da Raiz, para formar o novo município de Duas Estradas. Pela lei estadual nº 1990, de 04-02-1959, é criado o distrito de Lagoa de Dentro e anexado ao município de Caiçara. Em divisão territorial datada de 1-VII-1960, o município é constituído de 2 distritos: Caiçara e Lagoa de Dentro. Pela lei estadual nº 2614, de 11-12-1961, desmembra do município de Caiçara o distrito de Lagoa de Dentro. Elevado à categoria de município

Há de se notar que foi um processo que demandou tempo para ser concretizado, levando quase meio século para ser concluído. Uma das características desse processo foi que todas as cidades advindas de Caiçara seguiram no mesmo padrão, primeiramente se tornando vila, em seguida para distrito e por fim para categoria de município.

Os primeiros relatos da vila onde a atual cidade de Logradouro se situa foi à construção da linha férrea que passava pela localidade, tendo tido sua inauguração no ano de 1904 pela empresa GREAT WESTERN, responsável pela construção. A implantação da linha férrea acentuou o desenvolvimento da produção de sisal e anos depois do algodão. Para a população mais velha esse foi os anos dourados tanto da cidade de Caiçara como para a vila que futuramente viria a se tornar distrito.

“(...) Veio o trem, no começo do século e passou a três quilômetros da cidade, embora viesse à estrada de ferro em linha reta para Caiçara”... foi desviada a pouco mais de dois quilômetros. (Há uma “estória” – e Manuel Madruga a ela faz referência no seu livro “Serra da Raiz” – contada pelo vulgo e segundo a qual o desvio fora conseguido por proprietários

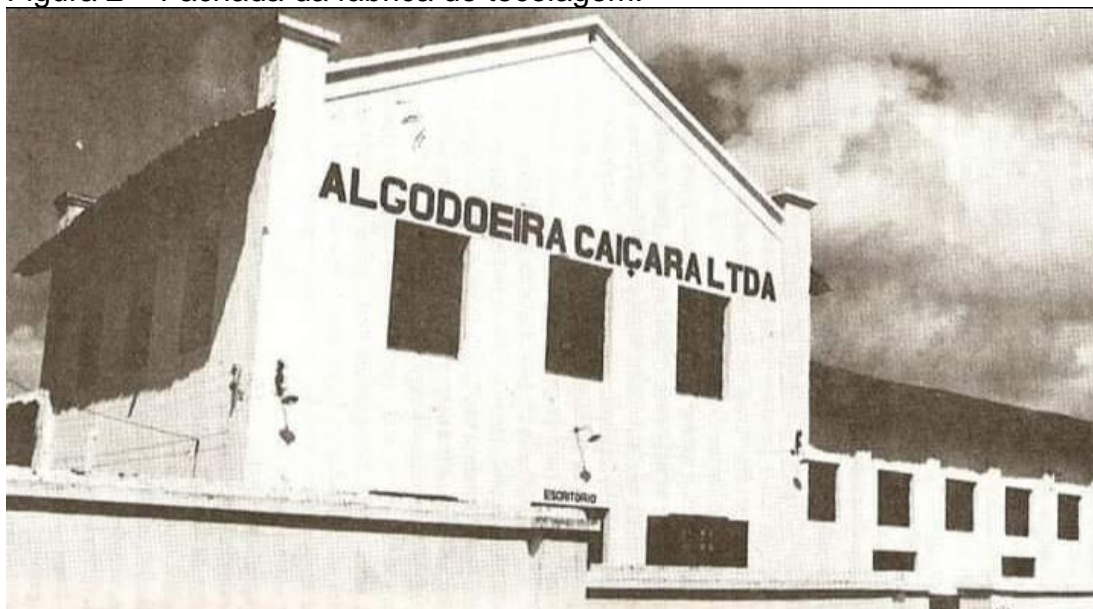
influentes que temiam perda de seus gados, pelos acidentes que os trens provocariam...) (...) (COSTA, 1990, p. 232).

Em 1950, Caiçara chegou a compartilhar do posto de maior produtor de sisal, rivalizando com grandes e importantes cidades da época. Sua produção escoava pelos trens vindos das mais diversas cidades, chegando a produzir mais de 3 mil toneladas/ano. Sua decadência e conseqüentemente sendo desativada no ano de 1979.

A região da atual Logradouro começa a se destacar em uma época em que o estado começou a investir na indústria têxtil, que conseqüentemente incentivou todos os produtores rurais da época a iniciar o cultivo do algodão. Ainda com status de vila pertencente a Caiçara, viu a mesma crescer justamente pelo nome dado ao livro: Caiçara Caminhos e Almocreves. Caiçara foi caminho para milhares de comboios carregados do ouro branco, assim como os descaroadores que separavam a pluma da semente para posteriormente comercializar. O comércio de Caiçara veio a se desenvolver muito em consequência do algodão, pois como ela era lugar de parada para os comboios, seria questão de tempo para que nesse mesmo local fosse criados lugares de troca e venda de produtos. E assim aconteceu.

Como consequência do desenvolvimento da cidade de Caiçara, Logradouro enquanto vila recebeu frutos desse apogeu, em 1935 a três quilômetros de Caiçara, é fundada a usina de processamento do algodão Anderson Clayton & Cia, apelidada pelo povo da região de AS AMERICANAS. Nessa época a fábrica supria toda demanda dos produtores de algodão da zona rural, tanto os de grande e de pequeno porte tinham por onde escoar suas produções.

Figura 2 – Fachada da fábrica de tecelagem.



Fonte: COSTA,1990.

A americana se encarregava de prover todas as necessidades dos produtores rurais, desde conseguir-lhes sementes das melhores variedades, a ajuda financeira (fazia um contrato com os produtores para lhes fornecer, sementes, financiar o trato da cultura. Sua apanha, e outras despesas mais. (...) a isto os agricultores davam o nome de compra e

venda na folha, isto é, o produto era negociado quando nos roçados só existia a folha de algodão. (COSTA, 1990, p. 182).

A fábrica de algodão como consequência do desenvolvimento da época aqueceu a atividade de troca da vila, retirando os holofotes de Caiçara e desestruturando todo o comércio local. A fábrica desenvolveu o emprego tanto na zona urbana como na rural colocando praticamente todos os lotes de terra para produção de algodão, proporcionando o aumento populacional e de mão de obra para o comércio e a fábrica. É estimado que 500 a 600 pessoas foram beneficiadas na época pelo investimento público/privado.

Após o advento desses acontecimentos na região, a usina e a linha férrea, o aumento no número de habitantes e o ganho de influência e importância na região, Logradouro começa a andar em passos largos para um futuro distrito e posteriormente para município. Então, em 1989 foi dado início ao processo de emancipação da vila, foram cinco longos anos de lutas e seis anos de estudos para que se chegasse a um denominador comum. Então após a realização do plebiscito em 1993 com 969 votos a favor, 61 contra e 24 brancos, em 1997 o município é instituído como município e tem a sua primeira eleição. IBGE, 2017:

Pela lei estadual nº 2639, de 20-12-1961, é criado o distrito de Logradouro e anexado ao município de Caiçara. Em divisão territorial datada de 31-XII-1963, o município é constituído de 2 distritos: Caiçara e Logradouro. Assim permanecendo em divisão territorial datada de 17-I-1991. Pela lei estadual nº 5916, de 29-04-1994, desmembra do município de Caiçara o distrito de Logradouro. Elevado à categoria de município. Em divisão territorial datada de 15-VII-1997, o município é constituído do distrito sede. Assim permanecendo em divisão territorial datada de 2007.

Politicamente Logradouro vive todos 23 anos de emancipação política sendo comandados por uma única família, os Alves de Carvalho. Família tradicional da região de Caiçara citada no livro do autor Severino Manoel da Costa, como uma das famílias influentes e importante para região. Logradouro já teve dois prefeitos e uma prefeita, todos os três carregam o sobrenome supracitado, são eles: Humberto Alves de Carvalho (dois mandatos), Humberto Luís Lisboa Alves (dois mandatos) e Célia Maria de Queiroz Carvalho (dois mandatos).

Após esses anos dourados economicamente para zona rural e urbana, a fábrica decreta seu falimento em 2010, deixando vários empregados ociosos e sem futuro de emprego e renda na cidade até os dias atuais. Hoje o que resta são as ruínas de um passado farto sendo representado pelo algodão no brasão do município, demonstrando a importância econômica e social para época.

Tanto a via férrea como a indústria de tecelagem foram marcos na tão jovem Logradouro, essas tentativas de desenvolvimento na cidade vão demonstrar a vontade e a luta do povo logradurorese em dar certo e colocar de uma vez por todas a cidade nos trilhos do desenvolvimento sustentável. Anseio relatado há anos atrás por Severino Manoel da Costa ao descrever o fim das linhas férreas na região. Relato esse que demonstra o hiato em que Logradouro perpassa até os dias de hoje:

A partir de então começou o desemprego e o êxodo rural para o sul do país, principalmente, Rio de Janeiro e São Paulo, ocasionando o esvaziamento dos campos e a demolição de centenas de casas por abandono dos seus moradores. (COSTA, 1990, p. 184).

Então passaram os anos e em 2016, fruto de um movimento independente, reunindo pessoas da zona rural e urbana, foi desenvolvido um remodelamento da feira de Logradouro, que há anos estava estagnada sendo contado de dois a três bancos de feira, trazendo ela para os moldes da agricultura familiar e economia solidária. Daí em diante, o povo Logradourense teve um sentimento de esperança em ver algo em sua terra dando certo economicamente. Esse assunto será tratado agora no próximo capítulo, visando retratar os primórdios da feira até os dias atuais.

3.2 A feira: dos primórdios até os dias atuais

Os primeiros relatos de feira no município de Caiçara datam de 1841, após anos de dependência da cidade vizinha Nova Cruz, os moradores foram formando grupos de vendedores e comerciantes que posteriormente viriam a criar a primeira feira livre de Caiçara sendo realizada nos dias de domingo, pois a da vizinha Nova Cruz era na segunda, como consequência Caiçara garantiu autonomia na região. O que afirma Costa ao relatar o dizer:

Poucos anos, depois, com verdadeira influencia achava-se construído o povoado de Caiçara (...) as quais reunidos por uma só vontade criaram uma feira no dia de domingo, que sucessivamente apresentou lisonjeira impressão pelo seu progresso. (COSTA, 1990, p. 111).

Após criação da feira, uma série de conflitos foram deflagrados na região de Caiçara, pois o desenvolvimento da feira prejudicou os grandes fazendeiros e latifundiários da época que moravam na vila de Serra da Raiz. Demonstrando assim o poder que os agricultores da época detinham e a capacidade econômica social e política que a feira livre entregava ao povo Caiçarense. A partir desse momento a população e as primeiras lideranças políticas viram a força que a feira tinha e começaram a disponibilizar recursos para tal.

Em 1955, o prefeito em vigor assina a lei nº 4/55 que concede isenção de impostos aos feirantes vindos de Logradouro, atraindo dessa forma mais e mais comerciante e compradores advindos das vilas dos arredores de Caiçara. Um dos precursores que deu força e continuidade ao desenvolvimento de feiras e mercados públicos foi o ex-prefeito Pedro Alves de Menezes, governou entre o período de 31/01/83 a 01/01/89. Em sua gestão houve uma acentuada melhora na estrutura das feiras, reformando e ampliando o novo mercado público Caiçarense. (COSTA, 1990)

Todavia, após a separação do distrito de Logradouro da cidade de Caiçara, tornando-se município, a feira local foi criada para facilitar a compra de mantimentos da população. A feira era situada no centro da cidade de frente a casa administrativa municipal na Rua José Gomes irmão.

Figura 3 – Únicas barracas de feira presentes no município até o remodelamento.



Fonte: autor desconhecido.

Em sua gênese a feira apresentava dois bancos, sendo um do seu Zé Clemente que ficava com a parte das frutas e verduras e outra com Bastião da galinha. Como a de se perceber era bastante simples ao ponto de não se ter registros fotográficos ou escritos tanto na prefeitura como na câmara municipal. Era clara a falta de organização e principalmente a falta de investimento e incentivo para o desenvolvimento da feira local, os dois homens citados acima, conseguiram durar por mais de 15 anos naquele mesmo local.

Então, em 2017 motivados por uma mulher, a senhora Aparecida do Amarante, expoente na cidade conhecida por conseguir grande mobilização de pessoas, adentrou a causa da feira Municipal. Foram meses de pesquisa e procura nas esferas governamentais em busca de conhecimento, investimento e principalmente de uma forma de incentivar os pequenos agricultores. A luta não foi em vão. No mesmo ano, em conversas com Aparecida Amarante, ela informa que conseguiu reunir agricultores e um grupo de mulheres dispostas a desenvolver um local onde pudessem compartilhar e desenvolver suas criações. SILVA (2016) demonstra o caminho a ser percorrido dando exemplo de feiras em João Pessoa-PB, abordando a importância da organização nas feiras e suas consequências positivas na mesma:

As seis primeiras feiras realizadas em mangabeira tiveram uma renda media bruta total de 397,00(...). Depois de uma reflexão resolveram da uma parada para avaliação e planejamento e só reiniciaram quatro meses depois (...). A arrecadação começou com a renda de 527,00 e foi aumentando progressivamente chegando a 4.075,00. (SILVA, 2016, p. 90)

Com a entrada do poder público, os agricultores e artesãos locais conseguiram sua primeira conquista a construção do espaço público onde pudessem dar frutos: o centro de artesanato Gervásio Maia (figura 4). A estrutura conta com 17 pontos para melhor abrigar os artesãos, como forma de incentivo

foram feitas para cada artesão placas com a logo que cada um escolheu, junto com informações inerentes ao que cada um iria produzir.

Para o pessoal da agricultura familiar foi organizada a feira perto do centro de artesanato, localizado entre a Rua: Antônio Joaquim Teotônio e Rua: Ananias Soares. Para melhor organização foram doadas aos agricultores tendas personalizadas de ferro na cor verde. Assim, com essas mudanças e organização estava feita a feira de agricultura familiar e economia solidária do município, depois de varias reuniões com os setores públicos e privados. Ao todo são estimados mais de 40 feirantes que fazem parte da agricultura familiar do município.

Figura 4 – Fachada do Centro de Artesanato.



Fonte: Adson Aragão

A feira é realizada toda sexta-feira da semana, um dia anterior a da cidade vizinha Caiçara, feira essa que a maioria da população logradurense se deslocava. Hoje o que vemos é a inversão do que acontecia anos atrás, os vendedores notam cada vez mais a presença de Caiçarenses na feira, demonstrando a qualidade e os preços superiores aos da cidade vizinha. Uma peculiaridade da feira é o início muito cedo, às 9 horas do dia já se pode encontrar comerciantes diminuindo os preços para finalizar o estoque.

Mensalmente a feira promove diversos eventos sociais para exposição dos que foi produzido pelos artesãos e os agricultores (figuras 5 e 6). Nesses eventos acontecem varias coisas ao mesmo tempo, de exposição da produção, cortes de cabelo gratuitos, rodas de dança e distribuição de feiras para os mais carentes. Pessoas de varias regiões vêm para esses eventos produzidos pela liderança da feira, tornando em uma espécie de marketing dos produtos oferecidos por ela, alcançando assim novos colaboradores.

Figura 5 – Exposição da produção da agricultura familiar.



Fonte: Adson Aragão

Em visitas a feira, a liderança local sempre deixou clara a importância das mulheres no desenvolvimento tanto da agricultura familiar como da produção do artesanato, sua força e sua luta para que a feira continue nos trilhos do desenvolvimento. Tanto que separam uma data especial para dar atenção para elas com desenvolvimento de atividades em parceria com CRAS e posto de saúde (figura 6).

Segundo a coordenação da feira, as mulheres são a maioria na feira e no artesanato se fazem em sua totalidade. Os eventos chegam a colocar mais de 50 mulheres no terraço do mercado de artesanato todas participantes diretamente do desenvolvimento da feira. Verdadeiramente a mulher tem seu lugar e importância ativa desde os primórdios da feira, demonstrando um verdadeiro empoderamento feminino na feira de agricultura familiar e economia solidária do município.

Figura 6 – Evento voltado para as mulheres que fazem a feira local.



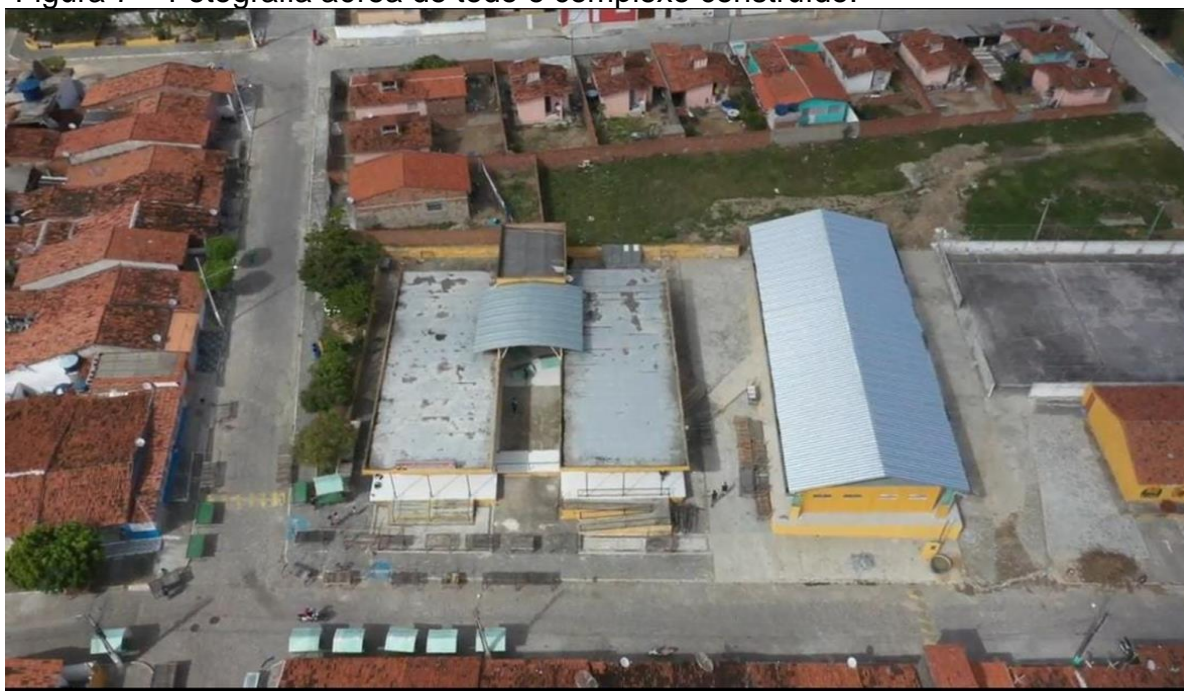
Fonte: Adson Aragão

No terceiro ano de feira, visto o desenvolvimento acelerado e o engajamento dos que fazem ela, o governo federal contemplou os agricultores com uma nova estrutura (figura 7), estrutura essa que melhorasse o dia a dia de quem vende os

produtos plantados pela agricultura familiar e desse aporte para que eles trabalhassem não só nos dias da feira, mas todos os dias, possibilitando o armazenamento de mais produtos, já que essas novas estruturas permite que os agricultores estoquem produtos. Dando assim mais independência ao agricultor e uma estrutura física mais adequada.

A nova obra é fruto de uma parceria do poder executivo municipal com o governo federal através do ministério da agricultura, pecuária e abastecimento no valor de 248 mil reais. Para não prejudicar os agricultores com o distanciamento e assim deixa-los longe da feira, a liderança local conseguiu o terreno ao lado para construção da estrutura, assim os agricultores continuaram desenvolvendo suas atividades na feira com suas respectivas clientelas.

Figura 7 – Fotografia aérea de todo o complexo construído.



Fonte: Autor desconhecido.

O desejo dos produtores da agricultura familiar, dos feirantes no geral e do núcleo de artesanato é o da construção de um complexo que envolva e agregue a todos os envolvidos com a feira. Em conversas com a liderança da feira, foi informado que já entraram em contato com o poder executivo e legislativo local para obter um terreno ao lado que hoje é uma quadra abandonada, para a construção de mais uma estrutura para uso das pessoas que fazem a feira e servindo de galpão para guardar as estruturas de madeira e de ferro que os feirantes usam, guardando-os do sol e da chuva.

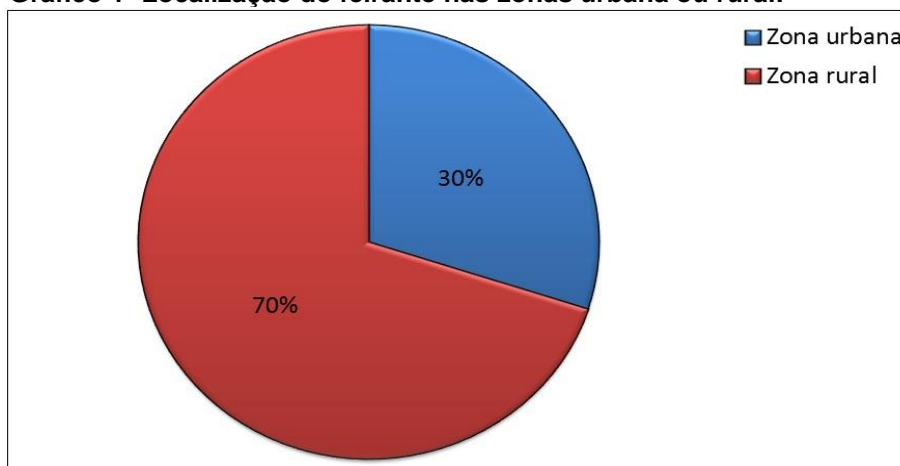
Explicações dadas ao longo desse tópico buscaram apresentar a história da feira no município de forma sucinta, demonstrando suas particularidades, avanços e objetivos futuros ao longo dos anos. De forma secundária refletiu em toda uma história de luta e dificuldades as quais as pessoas que fazem a feira passaram e passam até hoje.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

O capítulo quatro desse artigo ficou para os resultados e discussões da pesquisa. Todos os dados apresentados abaixo foram obtidos através da pesquisa de campo desenvolvida pelo autor. Os dados abaixo estão expostos através de gráficos para contextualização dos resultados obtidos durante as semanas de pesquisa de campo na feira. As perguntas feitas a cada feirante buscaram entender a origem dos vendedores e dos produtos, o acompanhamento familiar na banca, os preços praticados, as melhores épocas de venda, seu reinvestimento e utilização do dinheiro no município e seu potencial econômico de sustentar as famílias que ali se encontram.

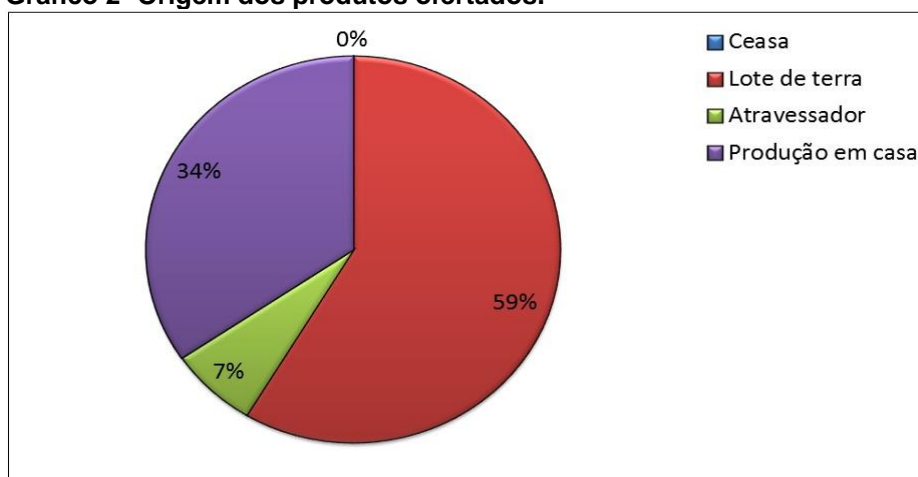
Em sua gênese, a pesquisa procurou entender de onde vêm os vendedores que participam da feira, se eram da zona urbana ou rural. O gráfico 1 demonstra que 70% dos vendedores que participaram da pesquisa se deslocam da zona rural e 30% da zona urbana. Esses dados demonstram uma característica comum das feiras, onde sua base está na zona rural, muito pelo fato da produção estar sendo desenvolvida nesses espaços. Os outros 30% ou têm seu lote de terra e moram na cidade, ou conseguem produzir seu produto de venda na zona urbana (ex: artesanato e utensílios) ou conseguem através de terceiros como atravessadores ou CEASA.

Gráfico 1- Localização do feirante nas zonas urbana ou rural.



Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

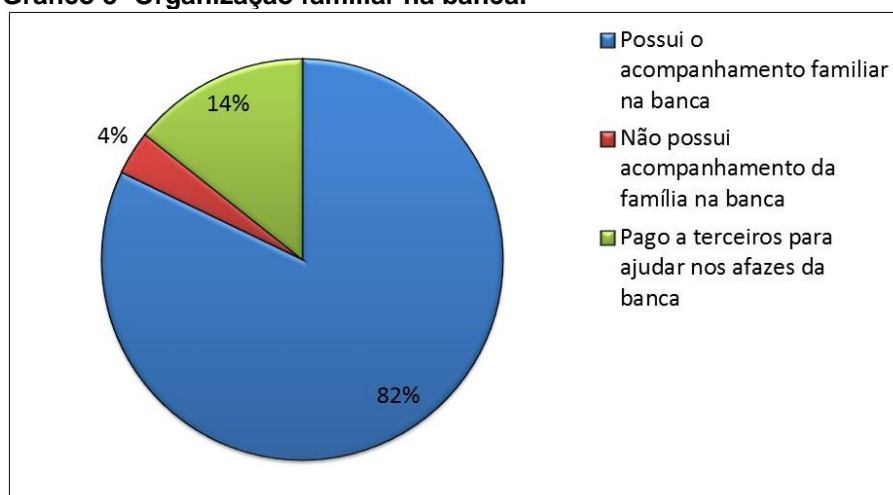
O gráfico 2 tem em sua estrutura os dados contabilizados referentes a origem dos produtos ofertados na feira. Os locais de origem disponibilizados foram CEASA, lote de terra, atravessador e produção feita em casa, 59% das bancas entrevistadas falaram que sua produção vem dos lotes de terra, justificando até o gráfico 1 onde a maioria está na zona rural. Outra medida que contribuiu para esse número foi a disponibilização de lotes de terra por parte da prefeitura, para produção daqueles que não tinha onde plantar, 34% dos entrevistados disseram que sua produção é feita totalmente em casa, uma das justificativas para esse número são as mulheres que fazem parte do artesanato e sua produção de panos de prato, bijuterias sandálias personalizadas e outros artigos de consumo. Os 7% ficaram por conta dos atravessadores e ninguém afirmou comprar diretamente a CEASA.

Gráfico 2- Origem dos produtos ofertados.

Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

Uma observação a ser feita é a presença de atravessadores na feira. Por ser uma feira de agricultura familiar e economia solidária, junto com outros feirantes avulsos e aliada à falta de terra para alguns deles produzirem, fazem da feira um terreno fértil para o aparecimento dos atravessadores. Uma das consequências é o encarecimento do produto para o público consumidor, uma das tentativas da liderança local é a distribuição de mais terra para utilização dos feirantes que ainda não tem a disposição um lote para plantar.

O gráfico 3 disponibiliza informações referente a organização familiar na banca. 82 % dos entrevistados afirmaram possuir acompanhamento familiar na banca, o que reafirma a figura familiar em quase todos os bancos da feira, desde o plantio até o escoamento nos dias de feira. 14% dos entrevistados falaram que pagam a terceiros para receber ajuda nos dias de feira e 4% afirmaram que trabalham sozinhos.

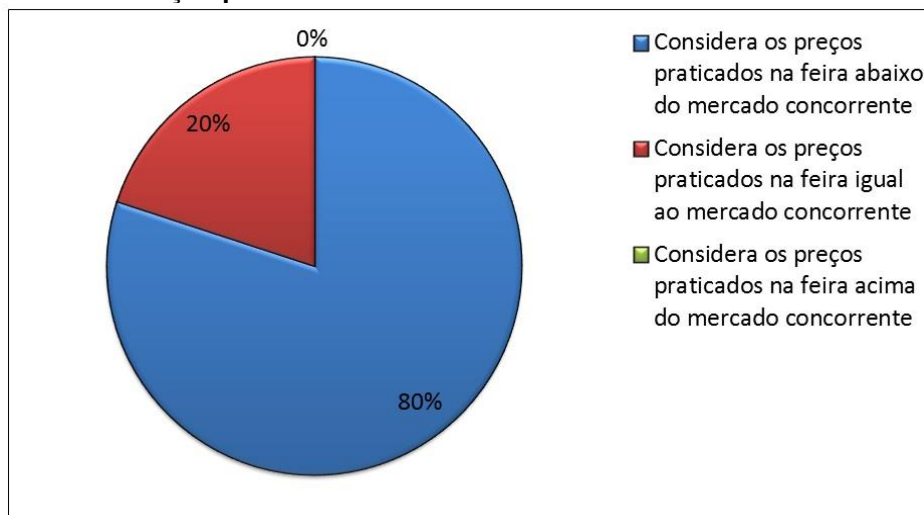
Gráfico 3- Organização familiar na banca.

Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

O êxodo rural por parte dos filhos e parentes do feirante, a possibilidade de não pagar para outros e ter uma margem de lucro maior para que no final do mês se tenha juntado um montante maior, reflexo dos 18% que afirmaram não ter a presença da família na banca da feira.

O gráfico 4 representa os dados referente aos preços praticados pelos feirantes frente aos seus concorrentes externos. 77% alegou praticar os preços abaixo do mercado concorrente. 23% afirmou praticar os preços parecidos ou iguais aos preços da concorrência e ninguém alegou ofertar os preços acima do que o mercado concorrente oferece. Essa pergunta buscou entender como os comerciantes tratavam o preço do produto que vendia e se comparavam o seus preços com praticados no mercado concorrente. A maioria entende que os preços e a qualidade do produto conseguem combater os concorrentes externos a feira.

Gráfico 4- Preços praticados na feira frente seu concorrente local.



Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

A consequência de se ter a própria produção, manejo sem terceiros e sem as taxas que os grandes produtores impõem, acarreta na grande quantidade de feirantes que conseguem colocar seus preços abaixo do mercado concorrente. Como também, permite que o feirante retire do valor ofertado o que seria gasto em todo esse processo, garantindo assim a possibilidade de ofertar um produto mais barato e de alta qualidade. A retirada de taxas e de terceiros contribuiu e contribui para o crescimento exponencial da feira.

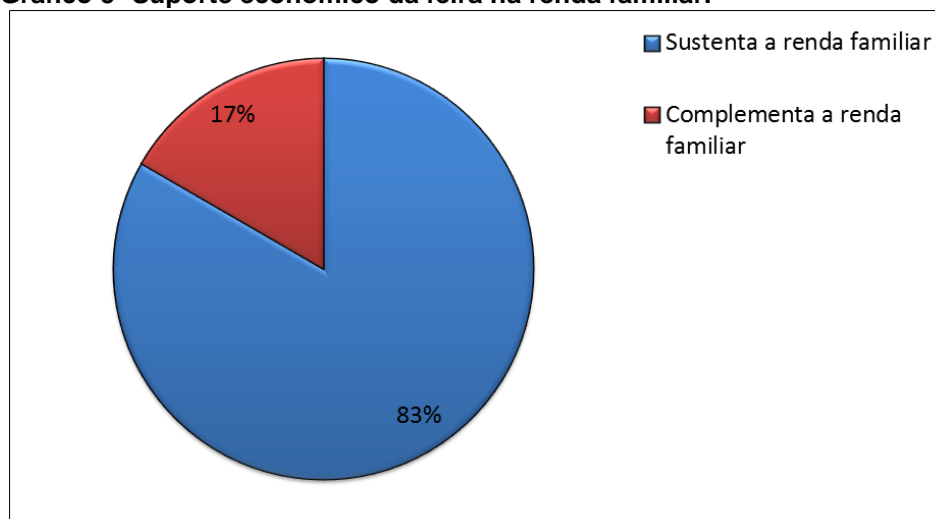
O gráfico 5 representa a potencialidade que a feira oferece no quesito econômico às famílias que lá trabalham. 83% dos entrevistados afirmaram que conseguem sustentar a renda familiar com o trabalho na feira e 17% alegaram que ainda não conseguem viver com a renda que a feira proporciona. Os números demonstram a potencialidade da feira em contribuir economicamente para o município. Em 24 anos de história, só a fábrica de tecelagem tinha abraçado tantos trabalhadores em um só lugar, a tendência desses números é só crescer visto o desejo de se desenvolver e potencializar a quantidade de agricultores e artesãos que tiram dali seu sustento. Como afirma um dos entrevistados:

Graças a Deus e com o desenvolvimento da feira consigo colocar comida e dignidade pra dentro da minha casa, sempre tem um bico aqui ou ali, mas hoje tenho a feira como meu sustento, assim não preciso sair pra João Pessoa ou ir pra o Rio de Janeiro como alguns familiares meus fez. (Membro da feira de agricultura familiar e economia solidária).

Diferente de outros lugares, o desenvolvimento presente nesse estilo de feira contribui para diminuição dos 17% que alegaram que ainda não conseguem

sustentar sua renda, não existe concorrentes dentro daquele espaço, todos se ajudam e isso explica o crescimento exponencial da feira. Feiras como essa necessita que o coletivo avance para que a feira gere frutos. Um processo coletivo de lucros, despesas, na construção e também na problematização de ideias.

Gráfico 5- Suporte econômico da feira na renda familiar.



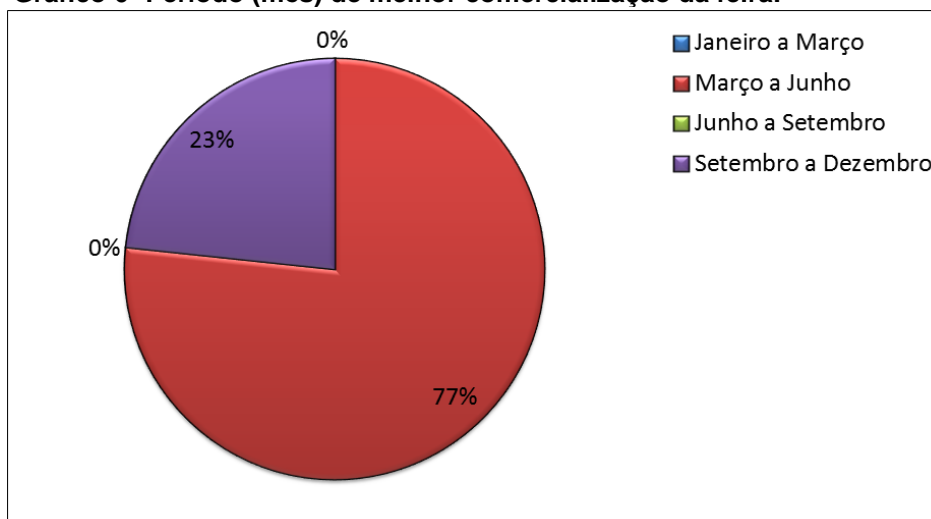
Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

O gráfico 6 apresenta os dados referente ao melhor mês de comercialização da feira para os feirantes. Os 12 meses foram divididos em 4 setores para o melhor entendimento dos entrevistados frente o que se pedia. De janeiro a março houve nenhuma escolha, de março a junho tivemos 77% das escolhas, de junho a setembro nenhuma e 23% escolheram entre os meses de setembro a dezembro como os meses que mais os feirantes obtêm lucros. Relato de um dos entrevistados:

O motivo pela escolha dos meses entre março e junho se dá pelo fato de estar entre os meses de período junino, onde acontecem as principais celebrações do período junino: Santo Antônio (dia 13), São João Batista (dia 24) e São Pedro (dia 29). Como afirma um dos entrevistados:

Sempre consigo vender mais nesse período de festa junina, principalmente por ser o tempo aonde chega mais gente pra se divertir na cidade. Minha mulher além de vender as verduras e frutas trás pronta de casas comidas típicas da época, o que aumenta ainda mais o meu lucro no fim do mês. (Membro da feira de agricultura familiar e economia solidária).

Nesse período temos a alta e a colheita da produção de milho que servirá de sustentação durante esses quase dois meses de festa para produção de comidas e o artesanato na produção de roupas para as mais diversas quadrilhas de rua os outros 24% podem se explicados pelos festejos natalinos que atraem bastantes consumidores a procura de insumos típicos da época. Outro motivo é o pagamento no município do décimo terceiro salário nesses mesmos períodos supracitados.

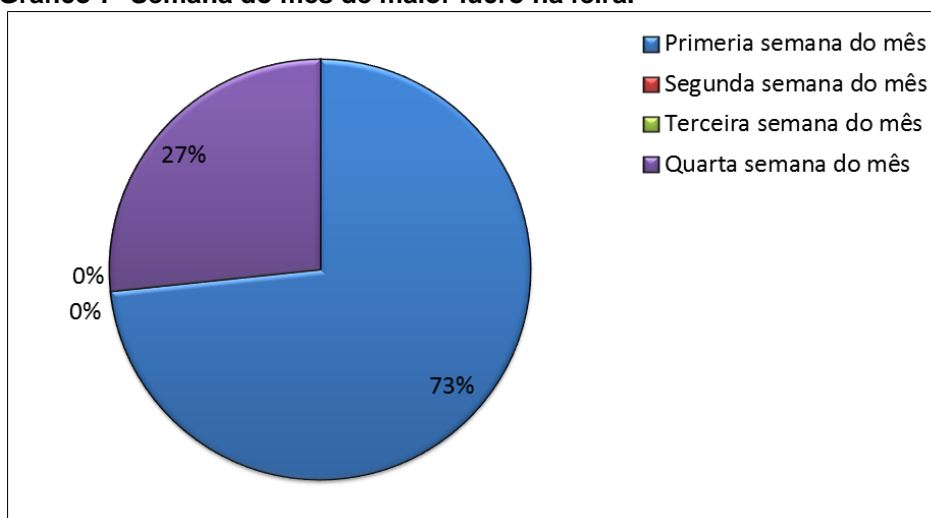
Gráfico 6- Período (mês) de melhor comercialização da feira.

Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

O gráfico 7 apresenta a semana de melhor lucro na feira. 73% dos entrevistados alegaram que a primeira semana do mês sempre é a melhor feira, 27% dos entrevistados declararam que a última semana do mês é a melhor na obtenção de lucros. Uma das respostas a essas escolhas é o pagamento em conjunto tanto da prefeitura quanto de quem trabalha na iniciativa privada nos dias dos pagamentos que são sempre na primeira semana do mês ou na última semana do mês. Um dos feirantes afirma:

Não posso faltar à primeira feira do mês. Mesmo doente ou impossibilitado de vim, coloco meus filhos e minha esposa pra vim no transporte que a prefeitura Da. Só assim não perco meus clientes com dinheiro no bolso e precisando comprar mantimentos pra casa. (Membro da feira de agricultura familiar e economia solidária).

Um dos grandes desafios é tornar as duas semanas do meio do mês atrativas ao mercado consumidor, por meio da pechincha e redução de preços.

Gráfico 7- Semana do mês de maior lucro na feira.

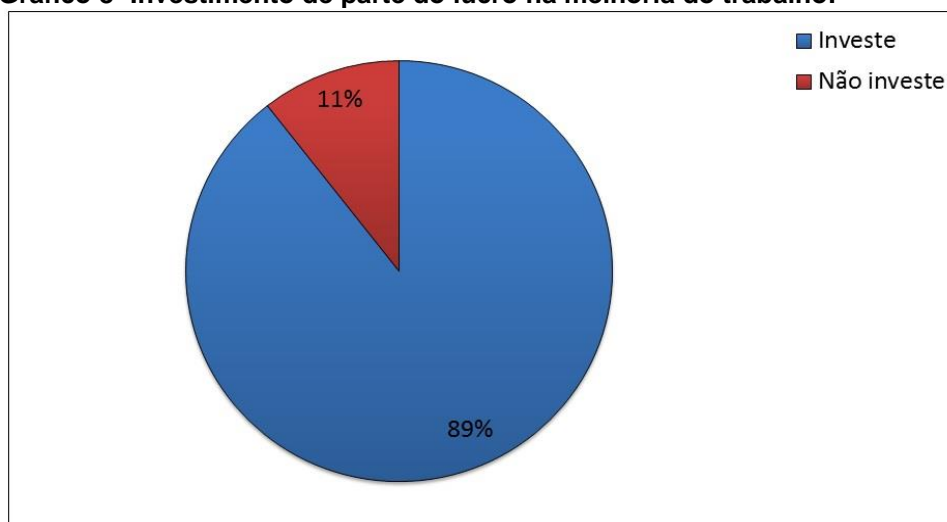
Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

O gráfico 8 esclarece os investimentos feitos por parte dos feirantes na melhoria do ambiente de trabalho e nas mercadorias que são vendidas no ponto. 89% alegaram ter a consciência de investir parte do lucro em melhorias e 11% alegou não investir parte do lucro. Relato de membro da feira:

Sempre tento melhorar uma coisinha aqui uma coisinha ali na barraca. Acredito que só consigo atrair o cliente colocando os meus produtos bem expostos e organizados. Um dos meus últimos investimentos foi colocar rodinhas na barraca. Por ser de ferro fica mais fácil de locomover para retirar no início da feira e para guardar ao fim dela. (Membro da feira de agricultura familiar e economia solidária).

Um dos motivos para grande parte dos entrevistados alegarem que investe, foi à capacitação feita por movimentos sindicais e do próprio setor público através do SEBRAE no que tange a gestão do negocio e desenvolvimento.

Gráfico 8- Investimento de parte do lucro na melhoria do trabalho.

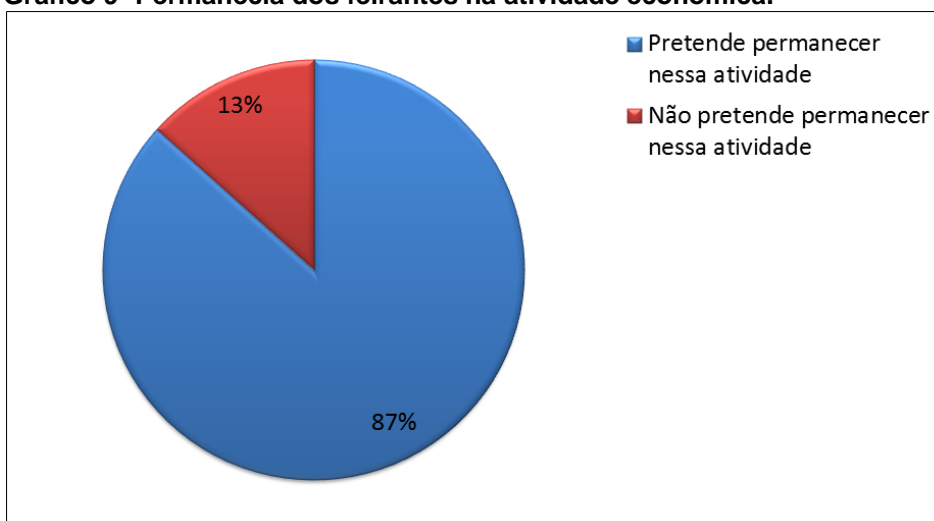


Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

Já o gráfico 9 menciona a permanência na feira por parte dos que fazem a agricultura familiar e economia solidária. 86% dos entrevistados alegam que pretendem permanecer na atividade e 14% alegam querer um dia sair dessa atividade. Relato do Filho de um membro da feira:

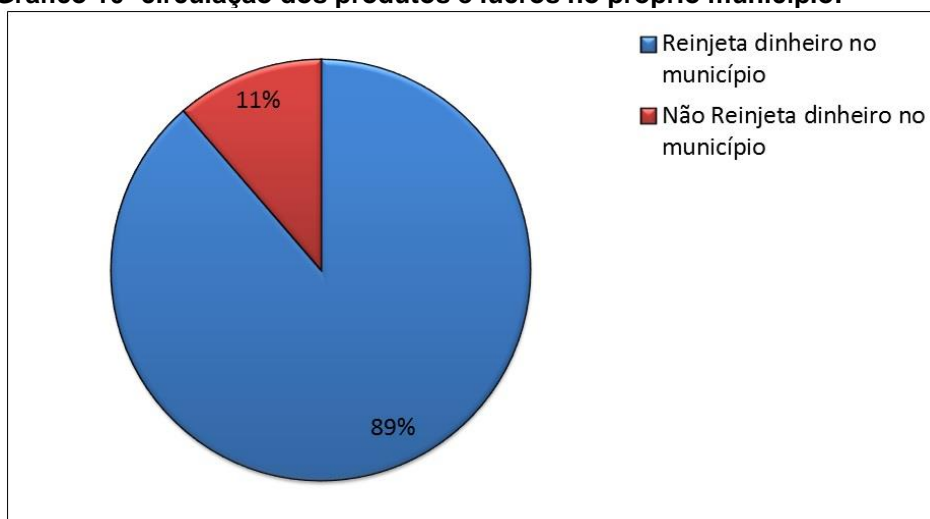
Sempre tive o desejo de ajudar meus pais a trazer dinheiro pra dentro de casa, assim que completei 19 anos, terminei o ensino médio e em vez de ir pra outra região atrás de estudo e trabalho, vim na feira uma oportunidade de ganhar um dinheirinho e ajudar a renda familiar. Hoje faço faculdade de fisioterapia em Guarabira e estou todos os dias de feiras aqui dando meu melhor pra ajudar a minha família. (Filho de um Membro da feira de agricultura familiar e economia solidária).

O gráfico abaixo é amparado pelos gráficos 3 e 5 supracitados, sua explicação para a grande quantidade de pessoas que desejam permanecer na feira esta ancorado na forte presença dos familiares na banca como também os lucros obtidos, fazendo com que o feirante não precise ir atrás de outras formas de trabalho.

Gráfico 9- Permanecia dos feirantes na atividade econômica.

Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

Por fim, o gráfico 10 apresenta a capacidade e consciência dos feirantes de reinjetar o dinheiro no município. 89% demonstraram praticar o uso do dinheiro na comunidade e 11% alegaram não se importar com a reintrodução do dinheiro apurado, no município.

Gráfico 10- circulação dos produtos e lucros no próprio município.

Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

Um dos motivos para a maioria demonstrar essa consciência é a forte presença da liderança no que tange a capacitação na questão do desenvolvimento coletivo local, fazendo não só com que os produtos produzidos circulem no próprio município, mas também os lucros obtidos com ele. Relato de um membro da feira:

Desde o início da feira, a recomendação que tive de aparecer como também das pessoas que vinham dar palestras ao nosso grupo, foi de sempre gastar e vender o que plantamos e o que produzimos aqui no município. Só assim outros comércios fora de feira e toda a cidade vão receber as benesses que nos feirantes também recebemos. (Membro da feira de agricultura familiar e economia solidária).

Comprar e reinvestir localmente fortalece laços que vão além do objeto de estudo. Fazer o dinheiro girar no município fará com que o valor entregue pelo produto fique nas mãos dos pequenos comerciantes e feirantes em detrimento das chamadas grandes corporações. Comprar no município significa aumentar as possibilidades de expansão do negócio e uma busca cada vez maior por mão de obra, retirando até mesmo gastos como da logística o que barateia o preço do produto final.

5 CONCLUSÃO

Chegando ao fim do trabalho é indiscutível a necessidade de incentivo a políticas públicas e ações particulares de grupos relacionados ao campo. Outras cidades têm potencialidades ainda maiores que a do município estudado, porém, o que falta são ideias postas em prática, ideias que deem sustentabilidade ao campesinato frente à realidade vigente. Modelos como esse servem de exemplo para as cidades circunvizinhas adentrarem na luta pela democratização da terra e também dos espaços urbanos de convivência e troca de valores. Desenvolver esses tipos de políticas públicas pode ser vista como pequenas, mas se adotadas em escala maior podem mudar a situação crítica de emprego, não só do município em questão, mas também de outras regiões.

Disto isso, Após análises dos dados obtidos conclui-se que, a feira de agricultura familiar e economia solidária do município apresenta um grande potencial para estrutura econômica local, sendo um motor para o desenvolvimento da cidade, dando capacidade de crescimento ao mercado local, valorizando a cultura da comunidade e criando assim uma nova dinâmica de mercado interno consequentemente transformando o espaço geográfico a qual está inserida.

Foi possível constatar a efetividade da feira em várias frentes: manutenção da renda familiar, circulação e movimento da produção e dos lucros na própria cidade, bem como a presença marcante da família e sua perspectiva em dar continuidade na feira. A feira também apresentou um alto nível de organização desde a parte dos estudos e reuniões até a prática no dia a dia.

A feira local possibilita uma construção de um indivíduo mais autônomo e libertário, motivando homens e mulheres para uma transformação do seu cotidiano e se contrapondo ao modelo vigente que vai culminar na construção de pontes para outras realidades fora do sistema. Erros e acertos foram vistos ao decorrer da pesquisa, todavia, entendemos que a atual conjuntura por onde esses indivíduos estão percorrendo não tem sido nada fácil. Desenvolver pensamentos, ideologia e ações ao mesmo tempo em que se tenta defender-se das manobras capitalistas não é e não será fácil. Difícil é o caminho, mas, as perspectivas de dias melhores para os feirantes, comerciantes e principalmente os consumidores solidários estão cada vez mais favoráveis.

Por fim, fica o desejo de que esse trabalho contribua para várias outras análises da feira como também do estudo geográfico do município como um todo. Esse trabalho foi pautado por uma perspectiva econômica, porém, como a própria geografia não se limita a um olhar econômico, a feira também não. Há diversos pontos a serem analisados e estudados como: a importância das mulheres no desenvolvimento da feira, questões da reforma agrária e da cultura popular Logradourense expressa na feira.

REFERÊNCIAS

ALTIERI, M e TOLEDO, V. A revolução agroecológica na América Latina: resgatando a natureza, garantindo a soberania alimentar e empoderando os camponeses. *The Journal of Peasant Studies*, vol. 38, n. 3, 2011.

ALTIERI, Miguel. Agroecologia: princípios e estratégias para o desenho de sistemas agrícolas sustentáveis. In: ALTIERI, M. Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável. São Paulo, 2012.

ASSIS, Renato Linhares de. Desenvolvimento rural sustentável no Brasil: perspectivas a partir da integração de ações públicas e privadas com base na agroecologia, vol.10, n.1, 2006.

AZEVEDO E, PELICIONI M.C.F. Agroecologia e promoção da saúde no Brasil. *Rev Panam Salud Publica*, 2012.

BRASIL. Decreto nº 7.794, de 20 de agosto de 2012, Presidência da República, Casa Civil. 21 Ago. 2012.

CPRM, Serviço Geológico do Brasil. Projeto cadastro de fontes de abastecimento por água subterrânea. Diagnóstico do município de Logradouro, estado da Paraíba. Org: MASCARENHAS, J. C et al. Recife, 2005.11 p.

CHESNAIS, François. A Fisionomia das Crises no Capitalismo Mundializado. *Novos Estudos Cebrap*, nº 52, nov 1998.

COSTA, Severino Ismael da. Caiçara. Caminhos de almocreves. Ed. A União. João Pessoa. Paraíba. 1990.

IBGE, Censo Demográfico 2010. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pb/logradouro.html>. Acesso em: Ago. 2020.

IBGE, Cidades, 2017. 2 p. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/caicara/historico>. Acesso em: Ago. 2020.

IBGE, Cidades. 2017. 2 P. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/logradouro/historico>. Acesso em: Ago. 2020.

IBGE, Pesquisa de orçamentos familiares 2008-2009: análise do consumo alimentar pessoal no Brasil, Coordenação de Trabalho e Rendimento. Rio de Janeiro, 150 p. 2011.

PEIXOTO, J.O. Logradouro: um pouco da sua história. Câmara Municipal de Logradouro. Abr. 2004.

RAMOS FILHO, E.S. O campesinato entre a segurança alimentar e a soberania alimenta. In: RAMOS FILHO. E.S, et al. Políticas públicas e território.1. ed. São Paulo,2015. 280p.

SANTOS, F. P. dos; CHALUB-MARTINS, L. Agroecologia, consumo sustentável e aprendizado coletivo no Brasil. v. 38, n. 2, 2012.

SCHUTTER, O. Relatório apresentado ao Conselho de Direitos Humanos pelo Relator Especial da UNESCO para o Direito à Alimentação, Assembleia Geral das Nações Unidas, 2010.

SINGER, P. Introdução à Economia Solidária. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2002.

SILVA, N. B. Educação popular e subjetividade: vivências em feira agroecológica de bases na economia solidária popular. João Pessoa: Ed. CCTA/ UFPB, 2016.

SOLIDADE. S Marcos. Mapa de localização: município de logradouro-Pb, 2019.

WEZEL, A. et al. A agroecologia como ciência, movimento e prática. Uma revisão. Agronomia para o Desenvolvimento Sustentável, 2009.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO RELACIONADO À PESQUISA.

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA**

QUESTIONÁRIO RELACIONADO À PESQUISA: A FEIRA DE AGRICULTURA FAMILIAR E ECONOMIA SOLIDÁRIA: um progresso econômico na cidade de Logradouro-PB.

1. Onde se localiza?

- Zona Urbana
- Zona Rural

2. De onde vem o produto ofertado na feira?

- Ceasa
- Lote de terra
- Atravessador
- Produção em casa

3. Quanto à organização familiar na banca:

- Possui o acompanhamento familiar na banca
- Não possui acompanhamento da família na banca
- Pago a terceiros para ajudar nos afazeres da banca

4. Por se tratar de produtos de agricultura familiar e economia solidária, considera os preços praticados na feira?

- Abaixo do mercado.
- Igual ao mercado.
- Acima do mercado.

5. Entendendo que a feira é uma forma de subsistência familiar, podemos dizer que a mesma pode trazer suporte econômico:

- Sustentando a renda família.
- Complemento a renda familiar.
- Não sustenta a renda família.

Espaço para relato do feirante: _____

6. Durante o ano, qual período de melhor comercialização na feira?

- Janeiro a Março
- Março a Junho
- Junho a Setembro
- Setembro a Dezembro

Espaço para relato do
feirante: _____

7. Durante o mês, qual a semana de melhor comercialização na feira?

- Primeira semana do mês
- Segunda semana do mês
- Terceira semana do mês
- Quarta semana do mês

Espaço para relato do
feirante: _____

8. Você investe parte dos lucros em seu negócio?

- Investe parte do lucro
- Não investe parte do lucro

Espaço para relato do
feirante: _____

9. Você pretende permanecer nessa atividade econômica?

- Pretende permanecer
- Não pretende permanecer

Espaço para relato do
feirante: _____

10. Quanto à capacidade de girar o lucro obtido, você sempre prioriza comprar no próprio município?

- Faz circular o dinheiro no próprio município
- Não prioriza a circulação dos lucros no município

